

O HERALDO

Director, proprietario e administrador

JOSÉ MARIA DOS SANTOS ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

RUA NOVA PEQUENA, 1 E 3

Redacção, administração, composição e impressão

TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

D. MANOEL II

Passa hoje o anniversario natalicio d'El-rei D. Manoel II, o primeiro que elle conta depois da sua ascensão ao throno, onde inesperadamente subiu por motivo do tragico drama de 1 de fevereiro que o privou ao mesmo tempo d'um pae e d'um irmão estremecidos. Sobre o juvenil monarcha convergem por isso as sympathias unanimes de todos os bons portuguezes, e até d'aquelles que sabem antepôr ás exigencias das suas idéas politicas radicaes a veneração pelos sentimentos mais sagrados do coração, o respeito pela orfandade e a admiração pelas nobres qualidades que exornam o espirito do augusto Chefe do Estado. Com este concerto de sinceras felicitações que se erguem n'este dia em honra e homenagem ao supremo representante da nação, *O Herald*, com toda a hombridade da sua independencia, não podia deixar de vir unir a sua voz, humilde embora, festejando esta data, como agourando consoladoras esperanças e auspiciosas promessas que não de, por ventura, florir e realisar-se n'este ainda tão curto reinado.

O soberano portuguez estava ha mezes bem longe de pensar que seria no solo regio, com as responsabilidades da mais alta magistratura a seu cargo, que este dia o viria encontrar, preferindo certamente as alegrias intimas e puras da familia carinhosa e dos amigos dedicados ás estrepitosas salvas da artilheria e outras demonstrações officiaes da gala nacional. Como infante liberto da ambição de occupar o excelso grau hierarchico na escala politica, que os decretos do destino imprevisivelmente d'um para o outro momento o chamaram a preencher, a sua intelligencia folgava da meia-sombra em que lhe era facultado desinvolver-se, e a sua alma embalava-se na doce tranquillidade d'uma existencia despreocupada. Não quiz a sorte permittir-lhe a fruição d'estas vantagens, antes, revestindo-o dos arminhos e da purpura da realza e depositando-lhe na mão o sceptro, o trouxe á luz da scena, expondo-o ás contingencias d'uma situação brilhante mas embaraçosa para quem, em verdes annos e sem uma educação especial talhada para o officio de rei, se vê de improviso impellido a desempenhar esta gravissima e arriscada missão.

Acolheu-o felizmente desde os primeiros tempos, graças á sua idade e lucto, uma harmonia conciliadora dos partidos monarchicos e uma respeitosa deferencia dos adversarios das instituições, todos recordando-se de que eram filhos da mesma Patria, que não desejam assassinar, na honra e na autonomia, com o incendio das suas paixões mal soffridas. Bem hajam uns

e outros pelos testemunhos de patriotismo que então souberam manifestar! Sabiamente andou tambem el-rei approvando os concelhos de perdão generoso aos marinheiros revoltosos que já estavam cumprindo nas colonias as severas punições em que foram condemnados pelo respectivo conselho de guerra, e a outros reus e indiciados de crimes d'igual natureza, desfazendo-se d'este modo a nuvem pejada de horrores e ameaças que pairava no nosso horisonte social entenebrecido pela fatalidade da dictadura franquista. Evoladas estas sombras que empanavam e enegreciam a nossa atmospheria politica, desapareceu a indignação e o terror, serenou a consciencia publica, e entrou-se de lado a lado n'uma via mais luminosa de transigencia senão de consideração mútua, áparte o acatamento dos principios. Foi tal o inicio do reinado de D. Manoel 2.º e por aqui se conjectura qual a sua proxima continuação, logo que o não abandonem, na inexperiencia que o monarcha não teve ainda tempo de vencer por completo, em tão deminuto periodo de exercicio de poder real, se o não abandonarem—dizemos— os prudentes e cordatos avisos dos homens a quem elle confiou ou confiar o seu futuro e o da nação.

Para os nossos corações de portuguezes leaes, muito assegura de bom e de valioso em fructos de justa liberdade, a primeira phase da vida publica do soberano, instruida pelas emocionantes lições domesticas, e regulada pela consciencia dos direitos publicos que elle irá successivamente adquirindo com a pratica da sua intervenção no jogo combinado dos poderes funcioneas do Estado. A bondade da sua indole, reforçando os primores de educação, e depurando-se mais e mais com o conhecimento das virtudes do povo, noção que a experiencia e o convívio das classes lhe irá dia a dia mais amplamente ministrando, deve preparar-lhe um caminho de benção e louvores, se elle não sacrificar, como não supponho, aos pés d'uma falaz aspiração de *poder pessoal* as sympathias e considerações que tem grangeado, augmentando d'esta forma a nossa ruína e trabalhando no seu proprio descredito e condemnação nas paginas severas da historia.

Convencidos de que para Portugal se abriu uma era nova com o advento do actual Chefe do Estado gostosamente casamos os nossos parabens com as centenas d'outros que Sua Magestade recebe hoje das formosas provincias do norte, que presentemente percorre em instructiva e triumphal digressão.

NOTICIAS MILITARES

Foi concedida licença de 50 dias ao tenente de infantaria 4 sr. Francisco Ramos.

—Entrou no gozo de lieença disciplinar o capitão de engenharia sr. Ascensão Guimarães.

—Terminou a licença disciplinar e assumiu o cargo de director do hospital militar reunido em Belem o major medico dr. Antonio Marques da Costa.

—São brevemente promovidos a alferes e collocados em infantaria 4 os aspirantes srs. Jayme Cansado e Narchial Franco.

REMODELACÃO DOS SERVIÇOS DE FAZENDA

Está já installada e deve voltar a reunir na proxima terça feira, para continuação dos seus trabalhos encetados no proprio dia da installação, a comissão nomeada pelo actual ministro da fazenda para estudar a remodelação de todos os serviços de fazenda nas repartições districtaes e concelhias, codificando em novo diploma as providencias que se julgarem proficuas, incluindo n'ellas o serviço das execuções fideis e organisando-se em conformidade um projecto de regulamento geral de administração de fazenda publica.

Esta comissão é composta de nomes conhecidos e considerados na vida fazendaria e assim devia ser visto tratar-se de uma reforma geral que interessará a umas das mais numerosas classes do nosso funcionalismo, mas extranhemos e sentimos não se encontrar entre esses commissionados, vista a especialidade e a importancia do assumpto a tratar, um dos nomes mais illustres nas classes superiores da fazenda e que tem o seu trabalho e a sua intelligencia ligadas a alguns dos melhores e mais considerados diplomas da nossa legislação.

Referimo-nos ao digno delegado do thesouro d'este districto, sr. Francisco d'Abreu Marques, de cuja colaboração na comissão agora nomeada muito teriam a esperar os trabalhadores quotidianos das repartições de fazenda districtaes e concelhias.

CAMARAS MUNICIPAES

Está assente, e assim o foi comunicado aos governadores civis dos districtos, que as camaras municipales, eleitas no penultimo domingo, tomem posse no dia 30 do corrente.

Consta-nos que n'alguns concelhos d'este districto se celebrará festivamente esse acto de posse.

COLHEITA DA AZEITONA

Informa um nosso collega de Alcobaca estarem já abertos e funcionando os lagares d'azeite d'aquella região. E accrescenta que a colheita, que ao principio se antolhou escassa, é muito regular na quantidade e que o fructo se apresenta em condições de fazer um excelente fabrico d'aquelle apreciado producto.

Esta noticia é de fazer ralar de inveja os proprietarios algarvios, pois raro será aquelle que tivesse logrado encontrar uma azeitona, este anno, nos seus olivedos. Pelo menos n'este concelho ha quintas das maiores onde nem uma só azeitona appareceu e consta-nos que outro tanto succede por muitas propriedades d'essa provincia fóra. Nunca se viu por cá uma escassez assim, que bem contrasta com a colheita do anno passado, que não só foi abundantissima, como obteve um preço muito regular.

Por isso este anno poucos lagares abrirão, faltando até em muita medida, das mais sobrias ás mais fartas, esse delicioso acepipe das azeitonas britadas.

NO PAIZ DO SOL

(Trecho inedito)

Toda essa estrada que vai de S. Bartolomeu de Messines a Silves desenrola a sua fita, em todo o seu percurso, na subsera do Algarve, desinvolvendo-se no tracto rugoso de uma região coberta de arvoredos e acidentada de serros, barrancos e vales, amarfanhada em seu relêvo de cavados e cheios como uma superficie amolgada ou como um mar imovel, parado no seu arrefecimento!... A serra é um mar petrificado, já o temos dito mais de uma vez, e para que a illusão seja perfeita, nem mesmo falta na amargura do seu chão amarratado de mossas profundas, feitas na terra pelo golpe das convulsões geologicas, a agitação das ondas do mar batido pela tempestade, quando o vento, soprando rijo, sacode as arvores—troncos, ramos e folhas—em vagalhões de vegetação cujo movimento se propaga continuo, desce dos serros e se transmite aos vales, vem de cima e comunica-se em baixo, sóbe de novo e desce outra vez, parte das elevações das colinas e passa para a depressão das gargantas na fundura dos barrancos, ora sóbe ora desce, sóbe e desce sempre rolando e enrolando a massa da folhagem, ondulando-a como uma messe, como uma seara, curvando-lhe a cerviz, dando em corte a linha d'esse ondular agitado do mar de verdura exatamente o perfil sinuoso do ondular glauco de agua!...

E como no mar ainda, quando no ceu a luz se acaba e na agua o negro terror começa, a força do vendaval revolve a superficie liquida apanhando-a em repêlões de vagas, que atira de encontro aos rochedos para as esmagar depois em escarceus, ou levanta os navios sobre as cristas das ondas a alturas prodigiosas para em seguida os sepultar nos abismos a profundidades incriveis, pelo só prazer de semear de destroços a vastidão fluida, assim tambem o vento em terra e n'um descampado, uivando como um lobo pelas guelhas das quebradas e desfiladeiros, revolve o espaço destruindo tudo, quando a sua furia atinge a força de um cyclone, aqui arranca as arvores pelas raizes e ali as verga mutiladas quebrando-lhes as pernas grossas e fortes, aqui destelha as casas e ali desmorona-lhes as paredes firmes, varrendo leve, qual palha, homens, gado, pedras, plantas e animais, seres animados ou seres brutos, pesados e inertes, tudo quanto encontra no seu caminho e apanha até onde se exerce o raio da sua ação, devasta tudo semeando as terras de destroços, para tambem como no mar só pelo prazer de deixar de si, como vestigio da sua passagem e sinal da grandeza do seu poder no furor da destruição, por toda a parte a tristeza lugubre das ruinas!...

N'aquella hora fria da manhan de janeiro de 1900, temporal desfeito açoitava a região por onde corria a diligência, dobrando as arvores pelas copas quasi até ao chão n'um ramalhar furioso e, enfiando pelas canadas e barrancos, saltando uivos roucos, incidia sobre a linha da estrada investindo contra o carro aos arrepeções, com uma força cuja violencia mal podiam vencer cavalos, cocheiro e vigia. Parecia que tudo vinha abaixo!... Trata-se de enterrar bem fundo a cabeça no boné e levantar a gola

do capote até aos olhos, para resistir aos embates d'essa ventania rija e desenfreada, cujas rajadas silvando pelas aberturas dos cortinados de oleado cortam as carnes como o fio de uma navalha de barba!...

O carro vae rodando sempre pela estrada no mesmo estridor longo, que soa cavo na noite em tumulto dos elementos desencadeados, e ante os olhos desdobra-se a paizagem escurçada, n'aquella desordem do ar, á luz ainda fraca da manhan que se vai aclarando e iluminando vagamente no palor do crepusculo montes e vales, onde aqui e ali pelas encostas, nas manchas das casas, brilha a cal n'um reflexo de luar!

Como, a pouco e pouco, sobre uma tela e na mancha espressa de tinta a mão habil de um pincel vai delineando o contorno das figuras que vão aparecendo distintas, assim tambem dentro da diligência, adelgada a treva do antro, os vultos dos meus companheiros começam a definir-se melhor, destacando-se mansamente da escuridão. D'aquella montão informe e bem confuso dos corpos humanos, diluida já a indecisão da noite, entram a surgir pernas, braços, troncos e cabeças, que descaem pendendo de sono, olhos fechados, ás cabeçadas um com o parceiro fronteiro. Cortezias talvez!... Por vezes a um solavanco maior do veiculo o visinho da direita desaba sobre mim com todo o peso do seu corpo, o da esquerda faz o mesmo, e eu para reagir, para não ser esmagado entre as duas montanhas potentes, tenho que me defender com os braços conforme posso, soltando pragas!

—Arre! seus brutos!

Mas ainda bem, oh! ainda bem, que estou em Silves, onde mal chegámos, eu e os meus companheiros descemos da carripa para dar ar ás pernas anquilozadas na longa inação da viagem. Todos eles, os meus companheiros, são negociantes, envolvidos em grossos capotes á cavalaria, com golas de pele de coelho levantadas até ás orelhas para abrigar bem as suas pessoas. Ha nas suas caras estreminhadas e despertadas em sobresalto de um sono gosado não inteiramente em descanso, não sei quê de estranho, qualquer coisa de caricato, violento, e convulso espantado, que eu sempre descubro na contorção da face humana, na linha desfeita de um rosto que accorda pela manhan, mal humorado!

—Não repararam ainda?

(Do livro em preparação.)

LUDOVICO DE MENEZES.

GOVERNADOR CIVIL

Mais uma vez se registou, na semana passada, o boato de que o actual governador civil d'este districto, sr. Garcia Reis, pedira a demissão do seu cargo e mais uma vez temos de registar, esta semana, a noticia de que tal boato não teve fundamento algum.

Oxalá que isto sirva de exemplo aos alviçareiros politicos e que elles se convençam, d'uma vez para sempre, que os boatos dos pedidos de demissão do sr. Garcia Reis são sempre boatos... sem fundamento. A não ser que algum republicano de Silves queira ser governador civil...

Tambem por ahí se dizia que o sr. Sebastião Estacio Tello se demittira de governador civil substituto por motivo de discordancia politica.

Não foi tal. O sr. Tello sahio do

logar na melhor harmonia com o governo e o seu chefe politico e apenas por não poder conciliar esse logar com os seus interesses particulares.

Crêdo! O que já por ahi se dizia...

Mã-Fé

Houve alguém que nos accusou de má-fé por termos dito que os republicanos, nas ultimas eleições camarárias d'este concelho, foram auxiliados por progressistas.

Pois confirmando o que disse-mos, a propria penna que nos accusára confessou, oito dias depois, que alguns progressistas haviam votado com republicanos.

O publico que ponha agora a má-fé no seu verdadeiro logar.

LAWN-TENNIS

Na magnifica court da Porta Nova tem hoje logar pela 1 hora da tarde, se o tempo o permittir a distribuição das medalhas ás tripulações vencedoras nas regatas realizadas em 27 de setembro ultimo.

Durante a distribuição tocará um excellente sexteto da regencia do distincto maestro sr. Aureliano Gonçalves e a seguir jogar-se-ha uma partida de tennis em que entrarão os mais afamados tennisistas da cidade.

Espera-se muita concorrência de senhoras e cavalheiros.

A bem de todo o paiz

A Sociedade Propaganda de Portugal, Rua Garrett 103, 2.º Lisboa, tendo obtido das companhias de caminhos de ferros francezas, das agencias de viagens em Paris, e de varios hotéis em Londres e outras cidades inglezas, concessão para exporema o publico vistas de Portugal, compra photographias de monumentos e logares pittorescos do paiz, em boas provas de 18x24 ou maiores. Tambem deseja obter positivos para lanterna magica, para com elles se fazerem projecções em França, Alemanha, Inglaterra e Austria etc,

UNIÃO DOS ATIRADORES CIVIS POTUGUEZES

TORNEIO NACIONAL EM 1909

Programma

Esta prova é destinada a todos os socios da União, filiaes e grupos filiados, matriculados nas diferentes carreiras de tiro das provincias e será disputado nas seguintes condições:

ARMA: Espingarda Km/86 8^{mm};

ALVO: Circular de 8 zonas;

DISTANCIA: 300 metros;

POSICÃO: A vontade do atirador;

NUMERO DE TIROS: 200, disparados durante os mezes de março a julho de 1909, sendo 40 tiros em cada mez;

MUNIÇÕES: Pagas pelos atiradores;

CLASSIFICAÇÃO: pelo maior numero de pontos obtido, preferindo em egualdade de circunstancias: 1.º, o maior numero de bala acertadas; 2.º o maior numero de balas acertadas na zona de maior valor entre as atingidas;

PREMIOS: Medalha de ouro ao primeiro classificado; medalhas de prata aos segundo, terceiro, quarto e quinto classificados; medalhas de cobre aos sexto, setimo, oitavo, nono e decimo classificados. Os atiradores premiados com medalhas são reembolsados do custo das munições gastas no Torneio Nacional. E' fixado em 6 o numero minimo de concorrentes em cada carreira de tiro. Os talões das minutas que servirem para esta prova deverão ser authenticados pelos directores das carreiras e pelos mesmos ensaiados a secretario da União até ao dia quinze do mez seguinte aquelle em que forem utilizados.

Para que qualquer filial possa concorrer a esta prova é necessario que tenha cumprido para com a União o preceituado nos estatutos actualmente em vigor.

O jury para esta prova será constituido pelo Director da Carreira de Tiro da Guarnição de Lisboa, por um membro do Conselho Gerente da União e por um atirador civil pelos dois eschido.

AO DE LEVE...

O sr. Aragão, a sua Cartilha e o sr. Lagoas

A proposito de uma referencia que o sr. Aragão me fez no ultimo numero do *Heraldo*, devo declarar que, publicada a celebre epistola em que aquelle senhor affirmou só accellar polemica com quem mostrasse cabedal scientifico, o sr. Lagoas, por uma gentileza que não mereço, consultou-me sobre se devia ou não travar lucta com o sr. Aragão, que lhe surgia fero e temeroso. A minha resposta foi esta: «Não lhe aconselho que responda ou deixe de responder ao sr. Aragão porque, optando pela affirmativa, deixar-me-ia em cuidado o recreminar-me sobre a perda de tempo precioso, caso haja de arrepender-se, inquietação que ainda subsistiria se, preferindo a negativa, privasse o meu amigo do prazer que deriva de uma tarefa bem applicada, se da lucta saísse triumphante.

Mas, caso a isso se resolva, enverede pelo caminho da Logica, ponha de parte a erudição com que de certo se ha de apresentar o sr. João Rodrigues, na certeza de que, procedendo assim, não cairá mal, embora vencido, do que duvido porque o sr. Aragão, além de uma modestia supinamente exagerada, que muito o prejudica, padece de indigestões intellectuaes, o que o meu amigo pode verificar lendo attentamente a Cartilha Popular onde as offensas á razão são graves e frequentes.

Emfim, se a tyrannia dos governantes, tirando-lhe o sangue, á força de calote, ainda lhe permite que aos labios afflore uma sombra de sorriso, ria sempre que pudera, ria muito porque, na evisceração da Cartilha Popular, encontrará abundantes motivos para isso. Quanto a mim, nada direi sobre o assumpto porque não desejo tirar de illusões quem d'ellas vive e, ainda, porque o sr. Aragão, preocupando-se em organizar uma cartilha, mostrou certo affecto pelas creanças, o que é digno de respeito.

Aqui tem sr. redactor a quanto se limitou a minha intervenção no assumpto. Bem sabe, sr. redactor, que prezo a minha dignidade para calar o que sinto e penso ou deixar de pôr o meu nome sob o que escrevo, embora sem valor.

E que assim não fosse, Raymundo José Lagoas não me cederia o seu nome como *dominó* para eu me divertir com o sr. Aragão, hypothese inadmissivel porque nem eu exigia isso a ninguém, principalmente ao sr. Lagoas que é homem digno, nem elle, por isso mesmo, se prestaria a figurar humilhantemente. Demais, coisas ha e esta é uma d'ellas que embora pedidas a rir e concedidas a sério não devem ser accitadas.

Ao sr. Lagoas, pois, pertence o que sobre o assumpto tem dito com invejavel analyse e criterio, o que me não surpreendeu porque sei que tem a camara optima bem illuminada.

Mas, para o sr. Aragão, que importa que Raymundo José Lagoas seja um nome, ou um pseudonymo que symbolise um ou muitos individuos? Nada. Os factos são factos e ao sr. Aragão convinha aproveitar o ensejo para os rebater, defendendo assim a virgindade da sua obra, para que ninguém, mais tarde, o julgasse pae para effeitos meramente juridicos.

Assim, o sr. Lagoas prova que o sr. Aragão *vê* vozes, mas este não se defende. Faz resaltar á evidencia que o sr. professor de pedagogia na Escola districtal confunde o nome da letra com o seu valor, ignorando ainda se o signal graphico symbolisa o nome ou a ideia da coisa. Mas a isto e muito mais responde o sr. Aragão com o mais formal silencio, o que está em desharmonia com a sua primeira epistola e que revela falta de consideração por um adversario digno, como é o sr. Lagoas, e ainda pelo publico illustrado que é o verdadeiro juiz e não o sr. Aragão que é interessado.

Vejamos, porém, se na conducta

moral para a propaganda da sua Cartilha, o sr. Aragão attenua a sua triste situação derivada da falta de argumentos que tanto se lhe nota.

Antes d'ella ser publicada, A. B. aproxima-se de mim e com frouxos de riso, e diz-me á queima roupa:

V. não sabe? Aragão diz que fez uma cartilha superior á de João de Deus.

—?!!

—E' isto que lhe digo.

—?!! Encolhi os hombros, e pensei que se bem que a Natureza não produz espiritos do quilate de João de Deus com a facilidade com que nascem burros n'uma cavaliaria, talvez o sr. Aragão tivesse phosphoro correspondente á sua vaidade que não é pequena e urdisse coisa invejavel.

Esta expectativa, porém, não durou muito tempo porque me disseram que o sr. Aragão, professor de pedagogia na Escola districtal, dizia não o mal (que é inherente á relativa imperfeição em que ainda se encontra a lingua portugueza) mas mal da Cartilha Maternal cuja nomenclatura lhe causa horror.

Pudera! O cahos é preferivel para quem pretende ensinar mediante a intuição, embora assim aburrique os filhos de cada um.

Que o sr. Aragão estabelecesse confrontos para tirar ilações favoráveis á sua Cartilha, tolera-se ainda que lhe não fica bem no logar em que o fez; mas elevar o que é seu com malevolência para o que é dos mais, convenha, sr. redactor, que não é muito louvavel.

Mas este azedume contra a Cartilha Maternal, manifestou o o sr. Aragão na conferencia que fez em Tavira, o que não agradou ao publico, segundo confessou o *Heraldo*, e, ainda, para com o sr. Lagoas quando na primeira epistola lhe disse:

Você esta azedo? Pois lamento que não ouvisse a minha conferencia porque havia de sair d'ella convencido» (Modestia até aqui). Mas estes ares de mandarim levaram o sr. Aragão a declarar aberta e francamente na segunda epistola que a sua Cartilha era melhor que todas as outras. (Aqui já não ha modestia.)

Ninguém, pois, poderá affirmar que, no caso de que se trata, o sr. Aragão é correcto, justo, imparcial e modesto. Alem d'isto, mais se conclue que os processos moraes adoptados pelo sr. Aragão estão á altura dos seus argumentos. Demais, sr. redactor, repare que a Cartilha Popular com quasi 1 anno de publicada ainda não teve duas linhas de louvor.

Lamento, sr. redactor, que o sr. Aragão fuja á discussão porque nas horas vagas eu havia de lhe provar:

1.º Que a sua Cartilha Popular é tanto sua como é minha, porque nem é minha nem sua. E se bem que Popular lhe quadra, melhor lhe ficaria Cartilha Internacional porque deriva de diferentes auctores cujas doutrinas não foram assimiladas nem adaptadas á nossa indole glosica.

2.º Que na Cartilha não ha um corpo de doutrina logica, coherente e racional.

3.º Que o sr. Aragão emprega palavras cuja significação desconhece.

4.º Que a Cartilha Popular não será canal, conquanto n'ella circule muita coisa inutil e vã, nem canei-ro, embora conduza muita podridão; mas que se não é canal nem canei-ro é *Canudo* porque nunca na minha vida comprei tanta asneira por um tostão.

Faro, 12 11-1908.

Antonio da Conceição.

LIVROS

No estabelecimento de José Maria dos Santos, Tavira, já estão á venda os livros aprovados e adoptados para a 1.ª 2.ª e 3.ª classe do Lyceu Nacional de Faro.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos :
Hoje, 15—Alfredo Ernesto da Cunha, Joaquim Barrot Trindade.
Segunda, 16—Alfons Francisco José da Silva.
Terça, 18—Matheus Marques Teixeira d'Azevedo.
Quarta, 18—Joaquim Fonseca.
Quinta, 19—D. Maria Sebastiana d'Araujo Ribeiro, José Maria Santos Junior.
Sexta, 20—Antonio Pedro de Brito Aboim Villa Lobos.
Sabbado, 21—Columbano Bordallo Pinheiro.

De visita ao sr. dr. José Teixeira d'Azevedo esteve domingo n'esta cidade o nosso presado amigo rev. padre João Chrysostomo de Freitas Barros, de Loulé,

Esteve ante hontem em Tavira o sr. major Godofredo do Carmo das Neves Barreira, grande influente politico em Villa Real de Santo Antonio.

Pelo sr. Manoel Ferreira Aboim foi hontem pedida em casamento para seu filho o sr. Rodrigo Ferreira Aboim, recebedor em Villa Real de Santo Antonio, sua prima sr.ª D. Marianna Ferreira Aboim, estremeçada filha da sr.ª D. Victoria Xavier da Silva Ferreira.

Regressou de Portimão, onde fôra assistir á feira de S. Martinho, o sr. Francisco de Paula Carapeto, escrivão de fazenda d'este concelho.

Acompanhado de sua esposa e filho regressou de Lisboa o sr. Luiz Corvo.

Acompanhado da seu filho esteve n'esta cidade o sr. Rosa Dourado, importante proprietario em S. Braz d'Alportel.

Parte hoje para Lisboa, d'onde segue para a Africa no dia 22 o nosso patricio sr. José Antonio Mil-Homens.

Aprendizes de typographia

Acceitam-se na *Typographia Burocratica*, Tavira.

PROCESSOS JEZUITICOS

Um jornal republicano afirmou que o correspondente da *Havas* n'esta cidade mentira ao dizer que alguns progressistas haviam patrocinado a lista republicana. Ora como é absolutamente falso que o correspondente da *Havas* dissesse tal coisa, conclue-se que quem mentiu foi o jornal republicano, o que não é para extranhar.

REITOR DO LYCEU

Informa o *Diario de Noticias* não ter sido attendida a representação dos alumnos do lyceu de Faro, pedindo para nomear reitor d'aquelle lyceu o sr. João Rodrigues Aragão. Para reitor foi nomeado, o dr. Ernesto d'Andrada.

Por falta de espaço retiramos a *Carta de Paris*, *O nosso Algarve*, *Carta do sr. Raymundo Lagoas*, e a correspondencia de Faro, Lagos e Monchique.

LEGISLAÇÃO

N'um pequeno livro de formato portatil acaba a conhecida Bibliotheca Popular de Legislação de publicar os seguintes decretos: Despejo de predios rustices e urbanos (dec. de 30-8-1907); Contribuições em divida (dec. de 30-8-1907); Caixa de aposentações para as classes operarias e trabalhadoras (dec. de 29-8-1907); Administração de Faseda da Casa Real (dec. de 30-8-1907).

O preço do livro é de 200 réis e pode ser requisitado a sede da Bibliotheca, rua de S. Mamede, 111 (ao largo do Caldas), Lisboa.

MERCADO DE GENEROS

Preço dos generos abaixo designados durante a semana finda

Centeio.....	600	14	litros
Cevada.....	400	»	»
Chicharos.....	800	18	»
Favas.....	840	»	»
Feijão branco...	1300	»	»
» raído...	1300	»	»
Grão.....	1300	»	»
Milho de regadio	640	»	»
» sequeiro	600	»	»
Trigo broeiro...	700	14	litros
Trigo riojo.....	740	14	»
Batata.....	460	»	»
Aguardente....	13400	20	litros
Azeite.....	3200	10	»
Vinho.....	700	»	»

CALENDARIO SENTIMENTAL

NOVEMBRO

(Continuação)

Emfim—(todas as tyrantias acabam n'este mundo, mesmo as mais suaves para o coração dos despotas!)—concedi-te a liberdade á sombra d'uma olaia em flor. Mas mal te soltei, a que sublis negociações tive de recorrer para evitar a *rêvanche* terrível dos teus alfinetes em pé de guerra... esses mysteriosos alfinetes que as mulheres bonitas trazem sempre comsigo e que tanto ferem, ás vezes, no meio das caricias! Jámais a vossa diplomacia ó Talleyrands do *Protocole*, será comparavel á que empregaram meus labios n'este longo Tratado de Paz, que tu firmaste finalmente com a chancellaria real do teu sorriso.

Cantava ali ao pé uma nascente. E um momento te curvaste para tomar nas mãos a agua limpida que entre musgos e fetos corria por uma telha quebrada.

Estou ainda a ver a obra prima do teu esguio busto debruçado, a esbelta linha immortal do teu gesto de Samaritana, ao estender para mim a taça das tuas mãos em concha. Atravez dos ramos da olaia florida, os raios do sol vinham fluctuar, n'uma dança aerea de reflexos sobre a fontinha humilde, e envolver a graça viva da tua forma na caricia luminosa d'um vapor lilaz. E filtradas entre os teus dedos que o sol coloria de tons de rosa transparente, as gottas escorriam n'uma chuva ardente de pedrarias.

Linda mancheia d'agua! Nunca licor mais raro teve para a minha bocca o perfumado sabor que essa teve. Mas não sei que filtro subtil n'ella deitou alguma fada encantada da nascente, que a minha sêde, em vez de a saciar cresceu, e desde essa hora nunca mais me deixou...

—Mais, mais outra ainda, Amarylisl!

A agua que o sol irrissava ia-se escoando toda entre os teus dedos côr de rosa. E para o fim, o que eu bebia, o que a minha bocca aspirava já não era agua: era o teu aroma, a tua carne, a tua alma, as tuas mãos.

—Mais, só mais outra ainda, Amarylisl!..

*

... Por este fim de tarde nostalgico de novembro, atravez d'esta abstracta paysagem d'aguas e arvoredos por onde vaes sonhando apoiada ao meu braço, ó minha amiga, como toda a vida e toda a alegria esparsas d'essa manhã de primavera que venho de evocar, parecem agora distantes, esfumadas n'um passado irreparavelmente longinquo,—á maneira d'essas visões irreaes que não tem outra existencia senão a dos sonhos, ou d'essas velhas telas de Watteau a que o tempo, na sua tarefa obscura, foi atenuando as figuras e as tintas em vagos phantasmas de gestos, em crepusculos espirituaes de nuances.

Em torno de nós o velhinho Outono vae tocando sempre a sua musica feita d'ais e de soluços, magoadamente penetrante como uma pagina sonhadora de Schumann.

Nunca mais! nunca mais! dizem as aguas do rio que vae correndo, dizem as folhas dos choupos que vão caindo...

Nunca mais! nunca mais! diz a voz do coração dentro em nós, como n'um echo...

Novembro é o mez das saudades, das rosas murchas e dos poentes; o mez de tudo o que emigra, de tudo o que fenece, de tudo o que espira; o mez symbolico da nossa raça, da nossa terra d'elegiacos e poetas. N'esse calendario ideal que vamos folheando pela vida fóra, elle é aquelle que de mais suggestivo encanto reveste o sonho e a evocação do passado — porque ao sortilegio luminoso da belleza elle casa a graça pensativa da tristeza.

Continua.

Justino de Montalvão.

SOMATOSE

NA CONVALESCENÇA

A MORTE DO PAD-ZÉ

Estava uma noite á porta do Suíço com o meu parente João de Deus filho, quando elle me perguntou se conhecia o Pad-Zé.

—Aquelle,—perguntei eu—que tem muita graça, o de Coimbra?... —Sim, esse.

—Tenho ouvido fallar d'elle, mas não o conheço.

—Pois olhe, é aquelle que vem alem de chapeu de côco e lunetas.

O Pad-Zé approximou-se de João de Deus e fallou-lhe perguntando por um amigo qualquer e virando-se para mim, na occasião em que o meu parente entre os dois dizia: —O meu primo Mario Ramos, do Algarve... o dr. Alberto Costa... e o Pad-Zé retorquiu, abrindo os labios grossos n'um sorriso amigavel:—ah! tenho muito gosto... e continuando:—é então natural do apendice que se segue a Portugal no seu pomposo nome?... De maneira que é boa, ó João de Deus, um individuo que nasce nos Algarves não é portuguez, é... apendicite. E acabou a palavra já n'uma gargalhada.

Olha, ó João de Deus,—diz elle a rodar nos dedos a bengala,—ahi vem o Formosinho e o Martins de Carvalho. Juntámo-nos e fomos por ali fora.

O Pad-Zé por onde passava parece que ia alagando tudo de graça, de uma graça quente, vigorosa. Mas por vezes seguia-se-lhe a uma gargalhada como que um abatimento; os seus olhos tomavam um aspecto mortuário, traduzindo-lhe, sei lá, uma ideia que talvez o atormentasse.

Por um feroz contraste o riso forte faz rebentar as lagrimas.

A maior ironia tapa quasi sempre um grande tormento.

Numa rua qualquer o Pad-Zé poz-me a mão no hombro, e tratou-me como amizade velha. Dava-me conselhos.

O meu amigo é novo... veja lá!... tenha conta... E ia aconselhando-me sempre. Como quem tinha andado no tortuoso da vida, sabia apontar os caminhos que nos afastam das misérias.

Soubesse eu reproduzir a verdadeira impressa nos conselhos que elle me dava; soubesse eu individualisalo compondo de uma em uma aquellas expressões que eram a compleição nitida do seu caracter e teria feito uma photographia perfeitissima de Alberto Costa.

E então, colocando o seu retrato no album Vida em logar que lhe pertencia; não seria o sorriso picante e despreocupado a errar-lhe nos labios, que o deprimia moralmente, e sim ao contrario, a sua semelhança seria mais verdadeira se o olhassemos pelos traços que vinham fundamente o rosto do pensador conciso.

Foi por eu pensar assim a respeito de Pad-Zé que não me admirou muito a sua morte. Se havia causas externas que o preocupavam, não foram ellas, julgo eu, que dispararam a arma que o prostrou. Agora que juntas ao seu caracter tivessem um papel importante no triste desfecho, isso sim, n'isso concordo.

Quem matou o infeliz Pad-Zé, mais do que tudo, foi o seu genio. Dizem que o meio, influenciador importantissimo do seu caracter, dearam como fatalidade a sua morte. Outros vêem no grande amor patriótico que o domina a ponto de andar por elle constantemente a offerecer a vida, o mais importante motivo que o mata.

Elle não o diz. Parece que nos quer enganar até final, levando consigo o segredo que o havia de definir psicologicamente. Mas isso que nos importa! Que houvesse a perturbação um olhar de mulher ou fosse a honra que como unica solução lhe apontasse a morte; isso profundamente só a elle interessaria. O que nos fere é a sua perda. O resto é nada. O que todos os seus amigos sentem é o vacuo insubstituível que elle deixa após si; é a falta do Pad-Zé unico, que sabia quasi sempre afastar as tristezas dos outros com as gargalhadas que lhes arrancava... E eu, ó meu pobre amigo, nunca mais

poderei sentir a tua mão amigavel apoiar-se-me no hombro francamente; nunca mais poderei ouvir os teus conselhos experientes, resultado do teu viver tempestuoso; que te deixava de côr por conclusão oposta, os caminhos diversos que nos afastam das misérias.

O Pad-Zé suicidando-se não se mata só a si. Extinguiu talvez uma geração que já teve brilho e Vida, e que era em si uma perfeita encarnação.

Elle era o symbolo vivo d'uma mocidade forte que declinou agarrada pelo meio, ou enfraquecida n'uma degenerescencia de raça.

Faro

Mario Ramos.

ENCADERNADOR
Travessa Castilho, n.º 13
FARO

CAMINHOS DE FERRO

O conselho superior d'obras publicas, em sessão plena, sob a presidencia do sr. conselheiro Pires de Sousa Gomes, deu parecer desfavoravel, por unanimidade, sobre a pretensão de conselho da administração dos caminhos de ferro do Estado, referente á usurpação de terrenos, alem dos auctorizados por decreto para expropriação, no troço de Tavira a Cacella e no sitio da Arrancada.



A PROVA

10 Bairro da Saudade, Rua da Saudade, Villa Nova de Gaia, 9 de Junho de 1907.

"Minha filha, Judith Silva, de 3½ annos de idade, andava de ha muito adocentada e com falta de

appetite

do que resultou uma fraqueza geral. Depois de lhe ter dado varios remedios, dos quaes não vi resultado, consultei alguns medicos e todos elles me aconselharam a dar-lhe a Emulsão de SCOTT. Rapidamente o appetite voltou, e minha filha, que se estava definhando de dia para dia, está hoje completamente restabelecida, achando-se forte, gorda e com boas côres."

Emilia Rita da Silva.

A RAZÃO

Todos estes medicos experimentados aconselharam a Emulsão de SCOTT de preferencia a qualquer outra porque todos os medicos sabem bem com que a de SCOTT é feita, isto é, dos ingredientes mais puros, mais fortes e mais nutritivos, manufacturados em delicioso creme pelo indispudado processo SCOTT. Foi por isso que a

Emulsão de SCOTT

conseguiu curar esta rapariguita de debilidade e falta de appetite, quando nenhuma outra o tinha feito. Curae os vossos filhinhos verificando que a Emulsão que comprades traz em cada envolvero o "peixeiro" de SCOTT.



Exigir sempre a Emulsão com esta marca - o homem do peixe - que signifi-ca o processo SCOTT.

NOTA: Apesar do Imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande.

AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtém-se dos Srs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mouzinho da Silveira, 85, 1.º, Porto.

POLITICA DE LOULÉ

Do administrador do concelho de Loulé sr. José d'Azevedo Pacheco, recebemos a seguinte carta:

... Sr. Director do jornal "O Heraldo" e meu presado amigo.

Tendo o seu lido jornal, em supplemento, affirmado que eu, á frente d'um grupo d'arruaceiros, assaltei as assembleas da Matriz e S. Francisco, na eleição de domingo ultimo, venho rogar-lhe a subida fineza de rectificar tal noticia, pois assisti á formação da primeira d'aquellas mezas, não chegando a sahir de junto d'ella, e por tante, não tendo ido, como realmente não fui, á assemblea de S. Francisco, o que lhe asseguro sob minha palavra de cavalheiro. Não é exacto tambem que a policia acutilasse o povo, do que V. se convencerá logo que saiba que para manter a ordem nas tres assembleas da villa só aqui se encontravam... dois policias!!

Devo acrescentar ainda que a força armada, que se representou em todo o concelho, por quinze praças, só entrou no local aonde funcionou a assemblea da matriz, depois da mesma se encontrar dissolvida. Garanto a veracidade absoluta de quanto deixo dito, esperando de sua lealdade e cavalheirismo o prompto restabelecimento dos factos, que ninguém é capaz de dizer qua se passaram por forma diversa da que lealmente acabo d'expor.

De V.

José d'Azevedo Pacheco.

Gostosamente publicamos esta carta não só para testemunhar a nossa lealdade, mas porque ella é mais uma confirmação do que, no nosso supplemento, se disse sobre a eleição de Loulé.

Cada dia menos duvida nos resta de que os desacatos eleitoraes, n'aquella villa, são da responsabilidade da auctoridade administrativa, que nesse proposito prepararia os tumultos nas assembleas, sobretudo na Matriz, onde estava presente e se conservou, como dissemos, ao lado de furiosos arruaceiros que roubaram a urna.

E esta é, como se vê, a prova de tal facto, porque o sr. José Pacheco não tem uma palavra para diser ao contrario.

De facto, se assim não fôra não teria justificação o bellicoso acompanhamento de Passarinhos, Labias etc., etc. e outras personalidades com o distinctivo de reservistas, alguns até não o sendo, que o sr. Pacheco levou para a dita assemblea. O desaforo chegou a ponto tal que até no numero d'estes entrou um desertor!

Quanto ao que diz, assegurando sob a sua palavra de cavalheiro que não foi á assemblea de S. Francisco e que por tal motivo deseja a rectificação da nossa noticia, temos a dizer o seguinte: Nós não affirmamos que o sr. José Pacheco tivesse ido, empunhando grosso cacete, ao acto eleitoral alludido a assaltar a urna. Não foi assim.

O que dissemos foi que «os vultos politicos que patrocinavam a primeira lista (a governamental), tendo á frente o administrador do concelho, promoveram arruaças, assaltando as urnas da matriz e S. Francisco». Ora isto não quer dizer que o mesmo sr. tivesse ido á tal assemblea. Não foi, nem—dizem-nos—era capaz de lá ir. Mas, não indo como não foi, podia ter mandado, e quer fosse, quer não fosse, o resultado foi o mesmo.

Aquellas expressões do nosso supplemento querem pois dizer que o sr. José Pacheco directamente não foi á frente dos arruaceiros roubar a urna da assemblea de S. Francisco; mas sim que aquelle sr. é o chefe, o que commanda, o que dirige.

Não julgamos o sr. Pacheco capaz de ir roubar urnas.

Quanto ao restante, a que se refere na alludida carta, nada vem alterar a essencia do que se disse, ainda mesmo a circumstancia de affirmar que os policias, sendo só dois não acutilaram o povo. Isto não é razão. Pelo contrario é um facto que os policias entraram na assemblea armados de revolvers e de sabres, tendo desembainhados estes. E' um facto que os policias se envolveram nos tumultos por occasião do roubo da urna da Matriz. E' um facto que houve ferimentos e que muitas pessoas se queixavam dos policias.

Nada mais temos a dizer, e por isso aqui fica feita a explicação da

noticia do nosso supplemento e com lealdade dada ao signatario da carta supra.

Loulé

Assim como o viandante que, percorrendo no soccego dos seus passos a distancia que o separa do seu destino, é muitas vezes atacado por mastins atrevidos, que lhes ladram ferozmente e mordem raivosamente, assim tambem nós, na jornada em que trouxemos as noticias da eleição, fomos atacados e mordidos.

Um Eleitor do concelho de Loulé, que afinal pode ser que nem eleitor, de verdade, seja, e sim alguém alugado para estes e outros serviços similares, ataca-nos com uma ferocidade rara, chamando-nos, porque fomos verdadeiros, trapaceador, fantoche, ambicioso, jesuita de costumes sordidos e felinos e por ultimo (ora isto talvez seja engano com algum amigo d'elle) bebedor, que vomita insidias.

Está bem; nós acceitamos a sequencia de elogios com que nos distingue, e tão orgulhoso ficamos que não sentimos força para a retribuir. Não, n'estes tempos de um egoismo santo, o melhor é cada um ir servindo e guardando aquella divisa tão celebre e distincta que até segundo nos disem, é muito do uso intimo dos amigos d'elle—cada um governa-se. Podéra não. E depois já que outra cousa não dão, ao menos venham de lá os titulos.

Quando quiserem, pois, continuar... ás ordens.

Mas, deixemos lá no bulicio agitado da sua alta moradia o zeloso Eleitor, e vamos ás suas considerações sobre a eleição camararia d'este concelho, feitas no numero anterior do Districto de Faro.

Primeiramente, após os elogios á nossa humildade, lê-se um longo periodo (no qual tomamos folego duas vezes) em que se defende o atrevido termo de *pachequistas* com que vim a denominar parte das hostes da lista governamental; logo depois, n'um lance eloquente e arrebatador de notavel talento, evoca-se hypocritamente a figura d'um grande morto que elles, apesar de tantas insidias, ainda não conseguiram matar na consciencia do povo louletano—Marçal Pacheco.

E' verdade, diz muito bem o meu zoloso antagonista, o inolvidavel parlamentar Marçal Pacheco!

Que infelicidade a da sua morte! Sim, nós queríamos que Marçal Pacheco fosse vivo, por muitos motivos, mas sobretudo para elle acabar de conhecer essa *gentinha amiga* que tanto... gosou (iamos escrever *se governou*) á sua sombra. Já porem que a Parca cavou no chão frio a sepultura do grande homem e elle não pode acabar de realizar essa desconfiança do seu luminoso cerebro, ao menos o seu espirito terá formado com certeza essa mesma ideia. Porque, é preciso que se saiba, Marçal Pacheco já os ia conhecendo. Affirmou o elle um dia pouco antes de morrer a um seu leal amigo, n'um dos momentos de desanimo que ás vezes a morte traz ás intelligencias quando está para arrebatá-las, como que a mostrar-lhes as fieldades miseraveis d'este mundo subllunar.

Oh! se Marçal Pacheco fôra vivo! Como elle repelliaria esta turba multa de aduladores falsos que após a sua morte nem uma só vez, publicamente, como devia, testemunhou a sua admiração, o seu reconhecimento, a sua amizade.

Abro aqui um parenthesis para exaltar com alegria o nome d'um homem de honra, o sr. dr. Athaide Oliveira, que lhe dedico, que escreveu de proposito o seu monumental livro *Monographia do Concelho de Loulé* para o offerecer á memoria saudosa do inolvidavel Marçal Pacheco. Porém o sr. dr. Athaide Oliveira não pertence a essa turbamulta, nem com ella quer relações ou afinidades. Está mais alto. Emquanto aos seus amigos—é necessario que se saiba—nenhum, já por si, já pelas instituições que teem representado, nenhum ainda que insignificamente testemunhou a sua gratidão.

Passados os primeiros dias da sua morte, que deploraram mais pela

falta que lhes ficava fazendo do que pela perda irreparavel do benemerito, do insigne filho d'esta terra, nem uma prece, nem uma corôa, nem um suffragio... Minto, alguém ainda se lembrou da sua memoria; todavia, esse alguém é trapaceador, é ambicioso, é fantoche, é Jesuita de costumes sordidos e felinos...

Uma pessoa da familia do saudoso morto assim o reconheceu e affirmou, como ainda hoje se pode ver, nas linhas manuscritas d'uma carta particular que nos foi dirigida.

Mas isto foi uma obcecção de momento, ou antes uma traição que nós forjamos. Elles é que são os amigos, elles é que teem preparado toda uma consagração em memoria do notavel extinto. Veja-se o soberbo jazigo, esse importante monumento que á guisa de estatua ali alveja por entre a negrura do cemiterio e que elles construíram como reconhecimento dos importantes serviços do extinto bemfeitor; observe-se o pomposo distico onde elles gravaram com letras de ouro o nome do insigne parlamentar, na rua da Avenida que elle edificou e que é um dos seus mais preciosos melhoramentos; leia-se a collecção do *Jornal da Noite*, ha cerca de cinco annos, onde elles elogiam alguns membros da familia Marçal Pacheco.

Pobre morto! Grandes, unicos egrejos amigos!

Mas deixemos na quietude do alem-tumulo a figura insigne do illustre louletano, que mesmo de lá terá olhado para todas as hybridas transformações dos seus amigos e voltemos ao assumpto que originou este artigo—a eleição camararia de Loulé.

Vejamos e estudemos primeiro a organização da lista do concelho que era a que se oppunha á lista governamental.

Os seus elementos constitutivos não apresentavam a sua candidatura movidos por ideias politicas ou como estultamente diz a redacção do *Districto de Faro*, «em obediencia a rancorosos odios e despeitos». Não havia esses sentimentos; o que havia, o que determinava essas individualidades a pretender entrar para a Camara era a dignidade e a moralidade. A dignidade que mandava protestar contra a extraordinariamente pessima administração da actual Camara e a moralidade que prohibia o auxilio tacito ou expresso a uma lista que com honrosas excepções seguiria a mesma orientação. Isto é que é.

Uma questão de dignidade e de moralidade, nada mais e nada menos.

A politica não entrou n'este assumpto, cada um estava onde está.

Acham que as cousas da Camara devem continuar a ser dirigidas como até agora?

Agrada-lhe essa administração escandalosa porque tem passado a Camara? Ao menos, cavalheiros, olhem o futuro. Já que o passado não lhes traz á consciencia o mais leve remorso, ao menos poupem ao futuro a miseria que se lhe avizinha. Porque a futura Camara tem que pensar com seriedade nos negocios do seu municipio; tem que pôr de banda os interesses particulares de meia duzia de esfaimados insaciaveis para dedicar-se por completo aos interesses do concelho; tem, emfim, que preparar uma remodelação integra e completa dos serviços camararios e trabalhar com enthusiasmo na sua execução.

E a lista governamental tinha essa condição? Não. Essa gente, com honrosas excepções, seguiria o mesmo caminho, a rotina perigosa dos ultimos doze annos. Tres dos indicados cavalheiros já serviram a Camara. E qual foi a sua obra? Puramente uma miseria e uma... Lembrem-se das famosas obrigações de divida para a praça nova, das negociatas das farinhas e das carnes, do peixe e dos petroleos, dos impostos e das casas etc. etc.

No entanto dir-se-ha que os quatro cavalheiros restantes, conjugando a sua acção, poderiam supprir as deficiencias d'estes tres, mas não é assim. D'estes ultimos um d'elles, o rev. padre Leal, é um coração bem formado e uma intelligencia esclarecida, uma alma aberta ao bem e uma consciencia incapaz d'uma infamia; todavia vive na dedicação de alguns amigos que nem sempre foram

amigos, no cuidado dos serviços da sua freguezia, de que é digno e zeloso paroco, e na distancia da sede concehida, da qual fica separado por dez kilometros de maus caminhos. Outro cavalheiro, residindo ainda mais distante, é um bom e honrado cidadão que vive na tristeza dos seus setenta e tal annos, que nunca pensou se quer em gerir os negocios d'outros porque lhe sobram os seus, e que afinal pela sua abalada saude não poderia tantas vezes, como seria seu desejo e obrigação, comparecer ao serviço camarario. Outro cavalheiro é uma excellente individualidade que precisa de todo o seu exorço e energia para o cultivo de sua casa. E o outro? oh! esse lamenta uma pertinaz enfermidade que lhe traz tolhidos os movimentos d'alguns de seus membros e que bem pouco o deixa sair dos arredores do seu lar. E' assim.

Tudo estava por tanto bem, e o passado iria uni-se ao futuro nos liames da mais franca, da mais sincera, da mais sublime de todas as amizades.

Mas tal não succedeu, nem succederá.

Appareceu a lista opposicionista, que na sua formação só obedeceu ao bem do concelho, e logo appareceu a acompanhala a parte sã, a parte limpa e tambem a parte mais numerosa dos louletanos. Em tres dias de trabalho a opposição conseguira junctar um numero de eleitores que necessariamente lhe daria a victoria.

Mas a lista da opposição, a lista do concelho não era, como a outra, uma lista politica, não era a hybrida composição de renegados e mascarados. Não; era uma lista sem politica, uma lista composta de individualidades que não tem nem querem ter negocios com o municipio. Nada mais e nada menos.

Este era o sentimento que impellia a lista da opposição, e, uma vez eleita, os seus exorços consistiriam em pugnar pelo alevantamento do concelho, fazendo-o ascender á altura a que tem direito pela sua riqueza, pela sua importancia e pelo seu nome. Acabaria e de vez esse estado criminoso (não encontramos outra palavra) em que moureja a administração camararia, quebrar-se-hiam os elos da cadeia de miserias e insidias que prende os arroxeados pulsos dos municipios louletanos; finalisar-se-hia a vergonha, o despreso, o esquecimento que envolve o concelho.

Hoje ficamos aqui, porque o *Heraldo* não se publica sómente para tratar d'esta questiuicula que a cegueira politica d'um meu desconhecido antagonista levantou. No outro numero envidaremos todos os exorços para poder continuar estas considerações a que fomos provocados; entretanto, e desde já, declaramos que os insultos nem sequer nos beliscam. Se o **Eleitor** do *Districto* quiser discutir, calce a luva (se é que a luva lhe cabe na mão) e appareça se quiser insultar ou diffamar, continue na sua honrosissima faina que a nós nenhum enfado causa.

De resto não sentimos pruridos na investigação de quem seja o **Eleitor**. Para nós basta apenas isto: **Eleitor**, como um mastim atrevido que ladra e morde, atirou-se á nossa humildade e tentou rasgar as nossas noticias para o *Heraldo* acerca da eleição camararia; nós despresando os latidos e as mordeduras que—supponha se—não ouvimos nem sentimos, queremos restabelecer a veracidade do que affirmamos e por sua vez escarpellarmos as suas mentiras e atiral-as para o monturo da podridão.

Raul d'Oliveira.

VENDE-SE

A propriedade *Matto d'Ordem*, junto á estrada real na freguezia da Conceição que consta de terras de semear, oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras, casas de moradia para caseiro e armazem.

Trata-se com Luiz Parreira, TAVIRA. 315

SOMATOSE

NA CONVALESCENÇA

POETAS

"SMART,"

Quando passou nervosa, á tarde pelo Caes,
Tão loura como o sol e branca como a espuma,
Na forma do andar o grave dos metaes
E na curva do porte a flacidez da pluma;

Os rubros tons de luz do seu cabelo leve,
A graça original do seu vestido «gris»,
Deram-me a impressão d'uma ironia breve
Dita a sorrir, sem mal, em sua casa, ao «aten».

Um raio de poento a gottejar martyrios
Deu-lhe em cheio na face oval de aristocrata,
E o seu corpo ideal da brancura dos lyrios
Tinha acima de tudo a languidez da orchata.

No seu perfil Lebreu havia a singeleza
De qualquer coisa santa, ó minha doce amiga,
O todo original d'uma vinheta ingleza
A graça escultural d'uma figura antiga.

Apertava na mão que eu cravejara a beijos
Tres cravos cor de fogo ardentes e vermelhos.
Nos labios sensuaes tremiam-lhe desejos.
E as botas de verniz luziam como espelhos.

Pouco depois voltou, ao pé de mim um joven
Assistando o monocolo apreciou-lhe o porte,
Cantolou sem arte um trecho de Beethoven
E declarou a rir «que não lhe dava sortel»...

E vossencia tomou, britanica gentil
Um ar tão superior, um «distingue» de linha,
Que eu extasei o olhar no modo senhoril,
E julguei ver passar um manto de rainha,

Bandos de pombas, longe andavam revoando
N'um doido phrenesi, por cima dos casaes,
Errava pelo ar um são perfume brando
A campo, madressilva, hortedos e pinhaes.

* * *

Metti-me em casa triste, a arder em febre escrevo
N'uma allucinação vejo a passar sorrindo.
E sinto ainda bem o cheiro a flor de trevo
Em que boiava todo o seu vestido lindo.

Ao canto do meu quarto um chrysantemo morre
Torturado, sem luz, no oiro d'uma jarra,
Choram bronzes subit, além, n'aquella torre,
E o ceu parece arder para os lados da barra.

Um choupou descarnado, ergue os braços torcidos
No fundo ensanguentado e rubro do poento
Como um precito. A' esquerda lentamente,
Deslizam rio abaixo alguns barcos compridos.

Incommoda-me tudo: o ar, o vento, o ceu,
Enjoa-me o tabaco. Abro um livro ao acaso
Leio: «punhaes», «ciumes»—ao fundo no acaso
A noite desdobrou o pardacento veu.

Cerro os olhos e sempre o seu vestido «gris»
Me persegue, ó mignonel ó corpo de martyrio!
Esvae-se logo a visão como o fumo d'um cirio
Mas fico a meditar unicamente em si!...

A. Madeira Pinto.

VENDE-SE

Um armazem e tres moradas de casas sendo uma com altos e baixo, Quem pretender dirija-se a D. Maria da Conceição Peres, no Largo da Ribeira n'esta cidade. 337

EDITAL

A Camara Municipal do concelho do Tavira

FAZ PUBLICO:

Que d'harmonia com o que determina o artigo 45.º § 10.º do decreto eleitoral de 8 de agosto de 1901 nomeou, em sua sessão ordinaria de 12 do corrente, os seguintes cidadãos presidentes effectivos e suplentes das assembleas primarias para as eleições parochiaes que hão de ter lugar no domingo dia 29 do corrente mez:

Santa Maria—effectivo, José Maria dos Santos; supplente, Francisco Antonio das Chagas Franco.

São Thiago—effectivo, João Fernandes Cruz; supplente, Justino Augusto Ferreira.

Luz—effectivo, Francisco José Mendes do Passo; supplente José Antonio Ramos e Barros.

Santo Estevão—effectivo, Joaquim Antonio de Mendonça; supplente, José da Costa Rapozo.

Santa Catharina—effectivo, Ventura José Tavares; supplente, João Antonio Pacheco.

Conceição—effectivo, Antonio Gil Carreira; supplente, Agostinho Manoel Martins.

Cachopo—effectivo, Antonio Ferro Pontes; supplente, José Rodrigues Teixeira.

Secretaria da Camara, 14 de novembro de 1908.

O vereador servindo de presidente, João Fernandes Cruz. 359

1.º ANNUNCIO

No dia 22 do corrente mez de novembro, pelas 11 horas da manhã, á porta dos Paços do Concelho, na Praça da Constituição d'esta cidade, vae pela segunda vez á praça para ser arrematado a quem maior lance offerecer sobre a quantia de réis 120\$000, uma courella no sitio da Igreja, freguezia de Santo Estevão, constante de terra mattosa e alfarrobeiras, allodial e avaliada em réis 150\$000. Este predio pertence ao casal inventariado por obito de João Fernandes Cereja, que foi casado com a inventariante Rosa da Conceição Costa, do dito sitio da Igreja, é vendido por deliberação do conselho de familia e interessados, e é o que não teve lançador na praça de 11 d'outubro ultimo, annunciada por editaes e annuncios de 25 d'agosto do corrente anno. A contribuição de registo fica na sua totalidade por conta do arrematante.

Tavira, 12 de novembro de 1908.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
J. Sereno.

O escrivão no impedimento do de 2.º officio,
358 José Joaquim Parreira Faria.

MONTE-PIO GERAL
ASSOCIAÇÃO DE SOCCORROS MUTUOS FUNDADA EM 1640

Pensão

Perante a direcção habilita-se:

D. Maria dos Prazeres Pereira Reis, viuva, por si e como administradora de seu filho menor Joaquim, residentes em Tavira, como unicos herdeiros á pensão annual de réis 400\$000, legada por seu marido e pae, o socio n.º 3604, Estevão José de Souza Reis.

Correm editos de trinta dias, a contar de hoje, convocando quaesquer filhos legitimos, legitimados ou perfilhados do fallecido para que reclamem a parte que na mesma pensão lhes possa pertencer.

Findo o prazo será resolvida esta pretensão.

Lisboa, e Escritorio do Monte-pio Geral, 5 de novembro de 1908.

Os ecretario da diração,
(a) Amílcar de Castro Abreu Motta. 357

Companhia de Pesca d'Atum do Cabo de Santa Maria e Ramalhete, na Costa de Faro.

São avisados os srs. accionistas que em todas as segundas e quintas feiras, a começar de 16 do corrente, poderão receber o dividendo das suas acções, desde as 11 horas da manhã ás 3 horas da tarde, no Escritorio da Companhia. 361

VENDE-SE

Uma morada de casas terreas no Largo da Atalaya, com a frente para a Igreja de S. Sebastião, n'esta cidade; com 8 compartimentos, retrete 2 quintaes, sendo 1 com 2 ameixeiras, terra de semear, poço d'agua doce e mais 2 compartimentos por daixo no rés do chão do mesmo prebio.

Quem pertender pode dirigir-se ao Solicitador Sebastião José Silva Junior, n'esta cidade. 360

VENDE-SE

ou

ARRENDAR-SE

A propriedade *Ar ias*, proxima ás Cabanas, freguia da Conceição, que consta de terras de semear, vinha, oliveiras, figueiras e casas de moradia para caseiros.

Recebe propostas, Luiz Parreira, TAVIRA. 314

PIANO

Vende-se um horisontal e proprio para estudo. N'esta redacção se diz. 356

Monte-Pio Artístico Tavirense

Assemblea geral

Primeira convocação

Por ordem do sr. presidente da assemblea geral são convidados os srs. socios para a reunião que deve ter lugar na sala das sessões da mesma associação no dia 22 do corrente pelas 4 horas da tarde, para o fim indicado no artigo 73 capitulo 1.º dos estatutos: eleição dos corpos gerentes para 1909 e approvação do orçamento para o mesmo anno.

No caso de não ter lugar a primeira reunião no dia indicado, por falta de numero de socios, deve effectuar-se a segunda no dia 29 do corrente no mesmo local e á mesma hora, devendo resolver-se com qualquer numero que compareça.

Os cadernos de recenseamento desde já se acham patentes na sala da associação das 9 da manhã ás 3 da tarde.

Sala das sessões do Monte-Pio Artístico Tavirense, aos 7 de novembro de 1908.

O Secretario,

362 Antonio Francisco Teixeira

ADUBO CHIMICO

Com percentagem de 12 o/o primeira qualidade. Vende José Antonio da Silva, Tavira. 342

VINHO

Superior qualidade a 1\$600 réis cada 20 litros, vende José Dias Soares Rua Nova de S. Pedro.

TAVIRA 341

VENDA

Vende-se um armazem com quintal tendo n'este uma caldeira montada para destilação com a competente licença ou habilitação. Tem poço d'agua doce. Trata-se com Rodrigo Gago da Graca, TAVIRA. 335

OFFICINA DE CANTEIRO

DE

Manuel Luiz Redondo

RUA DAS SALGADEIRAS, 40

AO CALHARIZ—LISBOA

EXECUTA-SE toda a variedade de modelos especies de jazigos, assim como todos os trabalhos em pedra respeitantes á arte.

Pedir desenhos ao representante em Tavira.

SERGIO AUGUSTO DE CAMPOS

Rua de Mau Fôro (163)

VENDE-SE

Um predio com primeiro andar e baixos na Rua dos Cutileiros, dois ditos terreas na Rua do Forno da Barra e diferentes artigos de feragens e drogas.

Trata-se com Francisco Pedro Maldonado, TAVIRA. 346

ANNUNCIO

Vendem-se duas moradas de casas terreas na Ladeira da Fonte e um armazem e quintal na rua da Mesericordia, d'esta cidade, pertencentes ao casal do fallecido sr. Reis.

Quem pretender dirija-se ao solicitador Cordeiro Peres. 349

AMA DE LEITE

Necessita-se de uma rapariga robusta, sadia e com bom leite para amamentar uma creança de mez.

Carta a Antonio Gregorio Jacintho, CASTRO MARIM. 340

GRANDE LOTERIA DO NATAL

Extracção a 23 de dezembro de 1908

Consta de 6:800 bilhetes.

formando o capital de réis 544:000\$000!

O **Cambista Testa** que o anno passado fez a maior distribuição de que ha memoria dos premios maiores, convida o publico a habilitar-se nas suas casas, certo de que ninguem terá que arrepender-se no caso feliz de conseguir algum dos premios de que se compõe esta grande e extraordinaria loteria.

O **CAMBISTA TESTA** satisfaz na volta do correio todos os pedidos que lhe sejam dirigidos acompanhados das respectivas importancias em sellos, vales do correio, letras ou ordens / Lisboa ou qualquer praça do paiz ou estrangeiro.

PLANO

1 Premio de.....	200:000\$000
1 » »	40:000\$000
1 » »	10:000\$000
2 » »	2:000\$000
3 » »	1:000\$000
10 » »	500\$000
24 » »	300\$000
333 » »	160\$000
2 Approximações ao premio maior a.....	1:200\$000
2 Ditas ao 2.º premio, a.....	500\$000
2 Ditas ao 3.º premio, a.....	300\$000
679 Premios a todos os numeros que terminarem na mesma unidade do premio maior a.....	80\$000

4:060

Preços

Bilhetes a 80\$000 réis; meios a 40\$000; quartos a 20\$000; decimos a 8\$000 vigesimos a 4\$000.

Dezenas: 10 numeros seguidos (com um premio certo) de 22\$000 réis; 11\$000; 5\$500; 3\$300; 2\$200; 1\$100 e 600.

Cautellas de: 2\$600 réis; 2\$100; 1\$100; 550; 330; 220; 110 e 60.

Para a Provincia e Ultramar accresce a despeza do correio.

Dirigir ao cambista

JOSÉ RODRIGUES TESTA

74, Rua do Arsenal, 78
136, Rua dos Capellistas, 140

LISBOA

Endereço telegraphico—ROTESTA—LISBOA (319)



FAZENDAS PARA FATO

F. A. GOMES

Praça da Constituição

TAVIRA

Grande sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de phantasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS

34